

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E VERDADE EM TEMPOS DE “MISÉRIA DO SABER”*EDUCATION, SCIENCE AND TRUTH IN TIMES OF “MISERY OF KNOWLEDGE**Helton Messini da COSTA¹*

RESUMO: O presente estudo procura compreender a amplitude dos fenômenos do negacionismo científico, do revisionismo, do relativismo, bem como, das chamadas *fake news* na produção do conhecimento a partir do contexto de crise estrutural do capital, deveras hiper dimensionada pela pandemia da COVID-19. Buscamos analisar a contribuição das teorias da pós-modernidade que, junto às questões econômicas e políticas, propiciaram uma crise nos critérios de verdade, realidade e, sobretudo, na relevância do saber elaborado frente ao senso comum, contexto que denominamos de “miséria do saber”. Para tais análises, atentamos para a atualidade do método do materialismo histórico e dialético na configuração da categoria verdade distanciando-se, por um lado de uma matriz positivista com sua proposição de verdade absoluta e, por outro, de seu contrário, isto é, da suposição de inexistência por completo de uma ideia de verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Verdade. Saber. Pós-modernidade.

INTRODUÇÃO

A experiência científica é, *portanto*, uma experiência que contradiz a experiência comum.

(BACHELARD, 1996, p. 14)

As duas primeiras décadas do século XXI no Brasil evidenciaram movimentos de intensas contradições: por um lado, o conjunto das lutas dos movimentos sociais pressionaram os governos petistas – justamente por estes governos se apresentarem como representantes das classes populares – a conciliarem sua agenda neoliberal com reivindicações históricas da classe trabalhadora, particularmente, em suas expressões de gênero e raça. Por outro, despertando tanto uma reação a essas reivindicações como sintetizando o próprio quadro histórico da burguesia brasileira – conservadora, autocrática e permanentemente contrarrevolucionária, tal como analisada por Florestan Fernandes (2020) –, movimentos como o Escola Sem Partido – expressão de uma extrema direita – investiram contra as conquistas populares pautando

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação - NuFIPE vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, do Grupo de Pesquisa Trabalho, Arte e Educação, vinculado ao Instituto Benjamin Constant - IBC e da International Gramsci Society do Brasil (IGS/Brasil). E-mail: messiny@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-5312-0901>.

<https://doi.org/10.36311/2236-5192.2021.v22esp2.p137>

questões de cunhos moralistas, revisionistas e negacionistas, valendo-se, sobretudo, do falseamento e da relativização da realidade a partir das chamadas *fake news* (COSTA, 2019). As eleições de 2018 manifestaram de forma contundente estas contradições e consolidaram o campo da extrema direita como força hegemônica na sociedade brasileira. Por conseguinte, as questões políticas e ideológicas vinculadas à pandemia do *Coronavirus Disease 2019* (COVID-19) recrudescem e disseminam ainda mais as teorias negacionistas, revisionistas, bem como, as *fake News* (MCINTYRE, 2018), além de escancararem as contradições econômicas, políticas e sociais integrantes da sociabilidade do capital.

Neste sentido, orientados por uma perspectiva materialista, histórica e dialética da realidade, intencionamos analisar o fenômeno do negacionismo e do falseamento e relativização da realidade a partir da categoria verdade, que, para Marx e Engels (2007, p. 533, conforme o original) “[...] não é uma questão de teoria, mas uma questão *prática*”. Para tanto, nossa hipótese de trabalho indica que a fragmentação do conhecimento e da realidade, operada por pensadores identificados com o “guarda-chuva” teórico-cultural chamado pós-modernidade, contribuíram – ainda que causalmente – para a promoção de uma equiparação entre o que Saviani (2013, p.15) compreende por “saber elaborado”, isto é, todo o espectro de conhecimento historicamente produzido e sistematizado pelo conjunto da humanidade e o senso comum, o qual Gramsci (1999) concebe como uma concepção mágica de mundo, ainda que, para este pensador, o senso comum comporte alguma conexão com a realidade concreta.

Com o intuito de organizar esse estudo, propomos dividi-lo em três partes: num primeiro momento concentraremos nossos esforços em apresentar sucintamente o que apontamos como “miséria do saber”. Em seguida, teceremos breves considerações a respeito da questão da verdade e as relações entre ciência, saber elaborado e senso comum dentro do contexto econômico, social e político impulsionado pelo avanço da extrema direita no Brasil e em várias partes do mundo e pela pandemia da COVID-19, fenômenos inter-relacionados e intrinsecamente conectados a crise de âmbito geral do capital, compreendida aqui a partir de Mészáros (2011). Nossas considerações finais almejam, na conexão entre as questões até então discutidas, situar as relações entre negacionismo, revisionismo, relativismo, *fake news* e pós-modernidade dentro do quadro que procuramos denominar de “miséria do saber”, atentando para a atualidade das categorias marxianas de totalidade e contradição.

TEMPOS DE “MISÉRIA DO SABER”

O que, por exemplo, poderá preencher o vácuo político deixado pela defecção dos partidos operários, à medida que a reestruturação do capitalismo aumenta as pressões ao longo das linhas de tensão de classe e cria novas formas de trabalho inseguro e vulnerável? Quem sabe mais extremismos de direita? (WOOD, 2011, p. 250)

Nossa proposta de trabalho apresenta de imediato, a hipótese de uma possível contribuição – ainda que causal – das perspectivas do pensamento pós-moderno ao movimento fundamentalista, negacionista e revisionista partícipe do Governo brasileiro, sobretudo, a partir das eleições presidenciais de 2018. Optamos por denominar essa convergência de a “miséria do saber”, por compreender os riscos assumidos para a unidade forma e conteúdo daquilo que Saviani (2013, p. 14) concebeu como “o saber sistematizado”, elemento central da pedagogia, e com ela, da escola em particular e da educação em geral.

O “guarda-chuva” teórico-cultural chamado pós-modernidade, nas palavras de Jameson (2006, p. 29), “[...] dominante cultura do capitalismo tardio”², inseriu-se demasiadamente nos debates artístico, cultural e epistemológico a partir dos anos de 1960. Em distintas áreas da produção do conhecimento, procurava-se situar uma crítica e, ao mesmo tempo, uma ruptura com a modernidade em suas mais variadas dimensões. Na filosofia e no pensamento social, obras como, *A condição pós-moderna* (1979/2009), do filósofo Jean François Lyotard (1924-1998), ou o conjunto dos estudos publicados pelo também filósofo Michel Foucault (1926-1984), adentraram entre outras coisas, para uma crítica às metanarrativas e a categoria marxiana de totalidade. Para Harvey (2017):

Condenando as metanarrativas (amplos esquemas interpretativos como os produzidos por Marx ou Freud) como “totalizantes”, eles [Lyotard e Foucault] insistem na pluralidade de formações de ‘poder-discurso’ [...] ou de “jogos de linguagem” [...]. Lyotard, com efeito, define o pós-modernismo como a “incredulidade diante das metanarrativas” (HARVEY, 2017, p. 49-50, conforme o original, intervenção nossa entre colchetes).

Por sua vez, nas ciências, as abordagens de Paul Feyerabend (1924-1994), especialmente na obra *Contra o método* (2011), buscavam em tom polêmico, constituir uma crítica às regras, métodos e parâmetros usados pela pesquisa científica até então constituída. Pontualmente, sua crítica se dirigia ao positivismo de Karl Popper (1902-1994), presente na obra *A lógica da pesquisa científica* (2013), e, nas teses de sociologia da ciência de Thomas Kuhn (1922-1996), em seu *A estrutura das revoluções científicas* (2018). Feyerabend (2011, p. 31) propunha uma ciência, enquanto “[...] um empreendimento essencialmente anárquico” na relação com a produção científica, a objetividade e o racionalismo. Isto é, inferia que o desenvolvimento científico pressupõe inegavelmente o abandono e a ruptura dos métodos, regras e padrões concebidos historicamente pela pesquisa científica, valendo-se inclusive, de uma revisão da condenação de Galileu Galilei pela Igreja Católica no século XVII. Apesar de jamais ter aceitado o rótulo de pós-moderno, os postulados de Feyerabend (2011, p. 37), em máximas como: “O único princípio que

² Jameson (2006) recorre à categoria “capitalismo tardio” conforme as análises de Ernest Mandel (1982), em sua tese publicada em 1972, com o título em português de *O capitalismo tardio*.

não inibi o progresso é: tudo vale”, contribuíram decisivamente para, no limite, o uso indiscriminado da ideia de relativização da verdade nas ciências.

Como uma lógica que procura pensar os sentidos de um tempo histórico (JAMESON, 2006), as interpretações pós-modernas contemplam, seja na historiografia revisionista de François Furet (2012), ou no relativismo etnográfico de Bruno Latour (2019), passando pelo multiculturalismo de Stuart Hall (2015) ou o neopragmatismo de Richard Rorty (2005; 1995), entre tantas outras abordagens, um imenso conjunto fragmentado e mais ou menos articulado de sentidos. Todavia, em seu núcleo comum, Marilena Chauí (2001) coloca em destaque:

[...] negação de que haja uma esfera da objetividade [...]; negação de que a razão possa propor uma continuidade temporal e captar o sentido imanente da história [...]; negação de que a razão possa captar núcleos de universalidade do real [...]; negação de que o poder se realize a distância do social [...] (CHAUI, 2001, p. 130).

A autora sintetiza tal análise concluindo que:

Categorias gerais como universalidade, necessidade, objetividade, finalidade, contradição, ideologia, verdade são consideradas mitos de uma razão etnocêntrica, repressiva e totalitária. Em seu lugar, aparecem: tempo fragmentado, reunificado tecnicamente pelas telecomunicações e informações, a diferença, a alteridade; os micropoderes disciplinadores; a subjetividade narcísica; a contingência; o acaso; a descontinuidade, e o privilégio do universo privado e íntimo sobre o universo público [...]. Não por acaso, na cultura, o romance é substituído pelo conto, o livro, pelo *paper*, e o filme, pelo videoclipe. O espaço é sucessão de imagens fragmentadas; o tempo, pura velocidade dispersa (CHAUI, 2001, p. 130-131, conforme o original).

Em síntese, no horizonte geral das políticas neoliberais que despontaram a partir dos anos 1970 com a crise da “era de ouro” do pós-guerra (HOBSBAWM, 1995) – que representa em sua essência uma crise estrutural de acumulação capitalista (MÉSZÁROS, 2011) –, bem como, com os seus derivados programas de austeridade e flexibilização do trabalho (ANTUNES, 2009), a pós-modernidade traduziu para o campo geral do saber as práticas neoliberais da economia e da política, atuando, ainda que numa perspectiva crítica – quando não pós-crítica –, como uma espécie de fenômeno desarticulador de potencialidades; força contra-arraste de composição das contradições de um tempo numa totalidade articulada; impeditivo ético à reunião daquilo que Gramsci (2000, p. 17) chamou de “vontade coletiva”, isto é, uma total “consciência operosa da necessidade histórica” (*Ibid.*, *Ibidem.*), expressa na captura crítica e universal do espírito do tempo em suas múltiplas determinações históricas e no fomento às rupturas e transformações econômicas, políticas e sociais. Ao contrário, a pós-modernidade, ao postular a liquefação do tempo do espaço e do próprio ser social, permite o esvaziamento de qualquer vontade coletiva que tenda ao universal, permite ainda, conforme Löwy (1994, p. 205) um “relativismo absoluto”. Essa fratura individualista e individualizante não representa somente os sintomas de

um período histórico, como ainda, um antídoto contra a própria percepção real, concreta e objetiva deste, bem como, um antídoto contra a sua superação.

No campo da educação escolar, o antídoto pós-moderno e neoliberal revestiu-se do discurso neopragmatista da “pedagogia das competências”, presente em autores como o sociólogo Philippe Perrenoud (2000), assim como também, da ideia de “sociedade do conhecimento”, do, entre outros, economista Jacques Lucien Jean Delors (2003). É sintomático que os postulados de tais autores tenham se inserido hegemonicamente ao longo das décadas de 1990 e 2000 no debate educacional em várias partes do mundo, isso porque, as teorias educacionais que gravitaram em torno da “pedagogia das competências” e da “sociedade do conhecimento” compuseram parte significativa das diretrizes educacionais que emergiram do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

Newton Duarte (2008, p. 05) classifica esse espectro de formulações pedagógicas de conteúdo neoliberal de “pedagogias do ‘aprender a aprender’”. Em sua análise, enfatiza que para esta pedagogia,

Trata-se de preparar os indivíduos, formando neles as competências necessárias à condição do desempregado, deficiente, mãe solteira etc. Aos educadores caberia conhecer a realidade social não para fazer a crítica a essa realidade e construir uma educação comprometida com as lutas por uma transformação social radical, mas sim para saber melhor quais competências a realidade social está exigindo dos indivíduos (DUARTE, 2008, p. 12).

Esse caráter “neopragmatista” (SEMERARO, 2006), que combina adaptabilidade, conformação e resignação, coaduna com o pensamento pós-moderno de fragmentação da realidade econômico-social, relativização do conhecimento, do saber e da verdade, individuação das condições de classe, raça, gênero, e de negação de uma abordagem que, articule a totalidade das relações econômicas, políticas e sociais em suas múltiplas determinações históricas, com vistas à transformação efetiva da realidade social, bem como, coaduna da mesma forma com os parâmetros de flexibilização/fragmentação e desregulamentação do trabalho no qual cada um é responsável pelo seu sucesso ou seu fracasso individual. Cada ser individual é o “empreendedor de si mesmo” (ANTUNES, 2009), independente das circunstâncias históricas concretas que perpassam o seu ser em si, tanto em sua individualidade como em sua expressão de classe, seu ser para si.

Portanto, ao apontarmos para tais questionamentos compreendemos que, o quadro geral da educação nesta segunda década do século XXI – deveras exasperada pela crise econômica, política, social, sanitária, ecológica e ética, que adentra o final da década de 2020, apresenta-se articulado a fenômenos aparentemente dispersos, como:

- O avanço e o incremento dos programas de austeridade aplicados em vários países a partir das cartilhas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BIRD);
- Os processos de desregulamentação das legislações trabalhista, evidenciadas com a “uberização”, trabalho intermitente, terceirizações irrestritas (ANTUNES, 2020), entre outros;
- A ascensão de plataformas políticas de extrema direita para a educação, como por exemplo, o movimento Escola Sem Partido no caso brasileiro, mas também em outras partes do mundo, como na América Latina o *Con mis hijos no te metas*³, nos Estados Unidos o *Professor Watchlist*⁴, na Alemanha o *Neutrale Schulen*⁵, para citarmos alguns exemplos;
- A organização de redes ultraliberais - os chamados *think tanks*⁶ – para a promoção e difusão de uma leitura fundamentalista da tradição liberal e a formação de quadros para o gerenciamento do capital, atuando principalmente na educação com a rede *Students For Liberty*⁷;
- A capitalização de novos e velhos grupos de extrema direita, fundamentalistas e neofascista ao redor do Globo;
- O avanço de práticas e discursos antiglobalistas, xenófobos, negacionistas e revisionistas, que em seu espectro, atacam desde a produção científica até a prática jornalística.

Fenômenos que, articulados entre si manifestam as profundas transformações/metamorfoses da dinâmica de acumulação, produção e reprodução capitalista – antevista na leitura crítica de Ellen Wood (2011) – exposta na abertura desta seção –, que investe numa avassaladora onda contra os movimentos da classe trabalhadora. Manifestando ainda, a confluência e os efeitos de décadas de políticas neoliberais, de pedagogias conformistas e acrílicas e de teorias individualizantes, relativistas, revisionistas e resignantes que, optaram por descaracterizar as determinações gerais da sociedade capitalista sobre o ser social em face de uma acomodação gradual aos modelos “guetizados” de emancipação que interagem apenas com a superfície das experiências e vivências humanas.

³ Disponível em: <<https://conmishijosnotemetas.es/nosotros/>>. Acesso em 12 nov. 2020.

⁴ Disponível em: <<https://www.tpusa.com/>>. Acesso em 03 dez. 2020.

⁵ Disponível em: <<https://afd-fraktion-hamburg.de/aktion-neutrale-schulen-hamburg/>>. Acesso em 12 nov. 2020.

⁶ Para Hoesveler (2016) os chamados *think tanks* surgem com orientação neoliberal no início dos anos 1970, com o intuito de difundir uma determinada concepção de mundo.

⁷ Braço do *think tank* Atlas Network para a educação. No Brasil, representado pelo Movimento Brasil Livre (MBL).

Isto posto, o desafio que ressaltamos a priori para a *práxis* pedagógica que se quer crítica, incide em compreender para transformar esse estado das coisas. Contexto que, congrega os efeitos colaterais do pensamento pós-moderno, base ideológica, tanto em suas expressões genuínas como em seu uso político para que o fundamentalismo religioso e de mercado, o negacionismo científico, as *fake news* (MCINTYRE, 2018) e o revisionismo histórico estejam em equivalência a todo o saber sistematizado constituído historicamente pelo conjunto da humanidade, com as metamorfoses do capital neste início do século XXI, que envolvem um avanço brutal das políticas neoliberais. Essa última eleva ao limite a miséria material de parte significativa da humanidade enquanto a primeira, manifesta, em última instância, o que denominamos como “miséria do saber”.

BREVES APONTAMENTOS: VERDADE, SABER E SENSO COMUM

A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva [*gegenständliche Wahrheit*] não é uma questão de teoria, mas uma questão *prática*. É na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza interior [*Diesseiti gkeit*] seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que isolada da prática – é uma questão puramente *escolástica* (MARX; ENGELS, 2007, p. 533, conforme o original).

Para a discussão que propomos, interessa-nos compreender as relações entre senso comum, verdade e saber elaborado, que “[...] não se trata, pois, de qualquer tipo de saber” (SAVIANI, 2013, p 14), mas, “[...] diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo: ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado” (*Ibid.*, *Ibidem.*). Referimo-nos, desse modo, ao saber que Gramsci (1999) opõe ao senso comum e a religião, isto é, uma filosofia que se apresenta como uma “autoconsciência crítica” (*Ibid.*, p. 104), que se apresente enquanto “[...] a crítica e a superação da religião e do senso comum” (*Ibid.*, p. 96). Da mesma forma, não se trata do saber em uma sociedade genérica e abstrata, mas sim, da sociedade dominada pelas relações capitalistas de produção, em sua fase neoliberal de acumulação que como tal, perpassa todas as relações sociais, políticas e culturais dispostas, por ora, sobre o planeta Terra.

Nesta mesma direção, interessa-nos perscrutar uma discussão a respeito da verdade na perspectiva da produção, apropriação e difusão desse saber elaborado. Conforme a tese supracitada de Marx e Engels (2007), trata-se de compreender a questão da verdade na *práxis* social objetiva, em nosso caso, na particularidade da *práxis* educativa, que diz respeito justamente às formas de produção e reprodução do conhecimento historicamente desenvolvido pelo conjunto da humanidade, que tem na educação escolar, até então, seu *locus* privilegiado. Portanto, tal como assevera Fontes (2016) não nos referimos a ideia de uma verdade absoluta – “[...] tão problemática quanto seu oposto, a suposição de que não existe nenhuma verdade”

(*Ibid.*, p. 184-185) – mas sim a um caráter universal da verdade enquanto processo histórico, constantemente tencionado pelas contradições que emanam do cotidiano em suas particularidades, da realidade concreta em suas múltiplas variáveis, passível de aproximações que, no entanto, são inesgotáveis.

Com efeito, a crise econômica, política, social, sanitária, ecológica e ética que se manifesta na pandemia da COVID-19 escancarou o fenômeno das *fake news* (SECCO, 2020) e, da mesma forma, amplificou o negacionismo científico, bem como, a negação da verdade e a circulação de ideias fascistas. Conforme aponta Secco (2020):

[...] a popularização do *WhatsApp*, das redes sociais e o acesso massivo a comunicações pela internet expuseram as pessoas à disseminação de ideias fascistas antes mesmo que nos acostumássemos com o novo espaço técnico científico e informacional ao qual seríamos obrigados a nos confinar (SECCO, 2020, p. 72).

No entanto, a amplitude do fenômeno confirma o longo lastro de sua origem e sua incidência no Brasil e em várias partes do mundo. Assim fora as eleições presidenciais no Brasil em 2018 e nos Estados Unidos em 2016 (ALMEIDA, 2019). Da mesma forma, o desenvolvimento do movimento Escola Sem Partido e sua aderência na sociedade brasileira, assim como os movimentos similares a ele que citamos na seção anterior, não podem ser explicados sem atentarmos para a contribuição oferecida pela extensa difusão de teorias conspiratórias e *fake news* (COSTA, 2019). Tampouco o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, as manifestações das chamadas “jornadas de junho” em 2013 (MATTOS, 2020), além de outros fenômenos recentes da história brasileira escapam de uma análise mais robusta sem consideramos o contexto de negação e relativização da verdade. Frente a esses sintomas da “miséria do saber”, que se expressam nos mais variados âmbitos das relações econômicas, políticas e sociais e, não obstante, considerando o negacionismo científico, as *fake news* e o revisionismo histórico enquanto um método político – um projeto de poder – como podemos orientar a educação afirmando o papel do conhecimento objetivo, da verdade e da ciência para o conjunto da humanidade?

Aproximarmo-nos de considerações a tais questões imputa observar as análises tecidas por Gramsci (1999), a respeito do senso comum que, apesar de portar os sentimentos e as necessidades concretas mais íntimas dos subalternos apresenta-se, em termos gerais – porque podem coexistir diferentes senso comum para Gramsci – como um pensamento desagregado e fragmentado, portador de uma concepção mágica de mundo. Neste sentido, para o marxista italiano, senso comum e religião “[...] não podem constituir uma ordem intelectual porque não podem reduzir-se à unidade e à coerência nem mesmo na consciência individual, para não falar na consciência coletiva” (GRAMSCI, 1999, p. 96). Ou seja, o senso comum que se manifesta primordialmente na opinião – relativa em absoluto – e a religião – detentora da verdade absoluta – encontra-se impossibilitado de conceber uma concepção de mundo coerente, que articule as condições concretas, reais e objetivas dos seres sociais,

pois partem de bases cujos núcleos não podem ser explicados e, como destaca Fontes (2016, p. 184) “Toda e qualquer forma de manifestação do pensamento cujo núcleo não possa ser explicado, dependendo pois de uma adesão incondicional (crença, não passível de discussão), tende ao absoluto”.

A observação é pertinente, pois, as *fake news*, as teorias conspiratórias negacionistas e os revisionismos propagam-se prioritariamente na sociedade justamente por meio do senso comum – da opinião – e da religião. A título de exemplo, no contexto que permeia a vacinação contra a COVID-19, uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), publicada em setembro de 2020, apresentou que 25% da população brasileira não pretendia se vacinar (JORNAL DA UNICAMP, 2020). Entre os principais motivos desta recusa encontravam-se, segundo a mesma pesquisa, os seguintes motivos:

As vacinas não são seguras; Receio de tomar a vacina e se contaminar com o novo coronavírus; A vacina pode causar outras doenças, como autismo; Bill Gates teria dito que a vacina pode matar cerca de 700 mil pessoas; A vacina da Covid-19 contém chips implantados para controle populacional; A vacina poderia alterar o DNA; As vacinas são produzidas a partir de células de fetos abortados; (JORNAL DA UNICAMP, 2020, s.p.).

São opiniões consubstanciadas pelo senso comum que circulam nas redes sociais e que buscam equiparar-se às informações oriundas de pesquisas científicas. Sua aderência na sociedade revela, senão, o grau de mistificação e alienação que subjaz a concepção de mundo capitaneada pela sociabilidade do capital.

Figurando ainda como exemplo, uma investigação do Ministério Público Federal (MPF) aponta que:

[...] o pastor evangélico Valdemiro Santiago e a Igreja Mundial do Poder [...] espalharam uma série de vídeos nos quais o religioso anunciava a venda de sementes de feijão com a falsa promessa de que, se cultivadas, elas curariam a covid-19. Valdemiro chegou a citar o caso de um fiel cuja recuperação plena da doença usando os feijões estaria comprovada por um atestado médico (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2020, s. p.).

Aqui, a religião, por portar uma explicação absoluta e universal do mundo, dispensa qualquer ligação com a ciência ou com a história. Ela não precisa de evidências porque paira acima do saber historicamente elaborado pelo conjunto da humanidade, é onisciente, onipresente e onipotente. Do mesmo modo, ela – a religião – integra-se as formas engendradas de dominação burguesa por arrastar as contradições sociais para uma esfera externa ao ser social. Como expressa Duarte (2013):

Não é por acaso que com o aprofundamento da crise do capitalismo neste início de século verifique-se um recrudescimento do fervor religioso em suas formas mais alienantes. Assim como o capital usa de todas as formas de violência para não se

deixar dominar, também os deuses das religiões assim se comportam (DUARTE, 2013, p. 83).

O que, em última instância, é fundamental à educação em geral, e a escola em particular: o senso comum ou o conhecimento objetivo? A provocação que imediatamente desponta aqui impele-nos a interrogar se o saber privado, local e fragmentado, preconizado pela Igreja em questão e seu representante supracitado, bem como, as opiniões a respeito da vacinação contra a COVID-19, que circulam junto ao senso comum se equivalem ao saber elaborado que resultou – ainda que mediado e constringido pelo valor – na produção de agentes imunizantes para a supressão de uma pandemia que vitimizara até dezembro de 2020 quase dois milhões de seres humanos? Se a resposta a tal questão for sim, então, a educação, em geral, e a educação escolar em particular perdera completamente seu sentido de existência, sua função social, pois, qualquer outro saber propalado por quaisquer grupos ou instituições poderiam cumprir os requisitos da educação e da escola. Todavia, caso a resposta seja negativa, então caminhamos para uma definição de verdade, ainda que com certas limitações no tempo e no espaço. Por certo, como assegura Borges (Apud. DUAYER, 2015, p. 107): a “impossibilidade de penetrar o esquema divino do Universo não pode, contudo, dissuadir-nos de planejar esquemas humanos, mesmo sabendo que eles são provisórios”.

Com efeito, para Gramsci (1999), a superação do senso comum e da religião somente é possível a partir da filosofia, não uma filosofia qualquer, mas, uma filosofia que se comporte como crítica e autocrítica da realidade. Em síntese, o que o autor infere como filosofia pode ser compreendido como uma concepção de mundo, isto é, uma ideologia. É importante salientar que, em Gramsci (1999), o conceito de ideologia não expressa somente uma falsa consciência da realidade, mas sim, um conjunto de pensamentos, ideias, valores e atitudes diante do mundo que todos temos. “A ideologia são os óculos que usamos para enxergar a realidade” (LIGUORI, 2020, s.p.) ou como enfatiza Gramsci (1999, p. 94): “Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivo”. Portanto, todos comungamos de alguma concepção de mundo e, no caso da sociedade capitalista, balizada pela dominação burguesa e pelo pensamento liberal acabamos por compartilhar seus valores, suas ideias e suas formas de agir e pensar como naturais e universais. Parafraçando a citação de Liguori (2020), tendemos a usar os óculos do liberalismo e dos valores burgueses para compreender o mundo. Somos sempre conformistas, em potencial, da sociabilidade do capital. Contudo, Gramsci (1999) adverte:

[...] é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção de mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, [...] ou é preferível elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, [...] escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (GRAMSCI, 1999, p. 93-94).

A assertiva do marxista italiano imputa-nos a responsabilidade de erigirmos uma concepção de mundo própria, uma ideologia que corresponda as necessidades reais e concretas – aquelas que emergem do cotidiano da história e não de opiniões espontâneas e aleatórias – que expressem todas as verdades possíveis, mesmo, e principalmente, as mais desagradáveis (GRAMSCI, 2004). Essa filosofia, concepção de mundo ou ideologia, que impele ao desenvolvimento do humano no humano e seu afastamento das barreiras naturais (LUKÁCS, 2013) é pontuada por Gramsci (1999) como filosofia da *práxis*. Posto que para essa filosofia, “[...] as ideologias não são de modo algum arbitrárias; são fatos históricos reais, que devem ser combatidos e revelados em sua natureza de instrumentos de domínio, não por razões de moralidade, etc. mas, precisamente por razões de luta política” (GRAMSCI, 2004, p. 387), justamente para “tornar os governados intelectualmente independentes dos governantes, para destruir uma hegemonia e criar outra, como momento necessário da subversão da *práxis*” (*Ibid., Ibidem.*).

Em suma, na trilha de Gramsci (1999; 2004), afirmamos a centralidade da categoria verdade em tempos de “miséria do saber”. Processo histórico compreendido na e pela *práxis*. No entanto, seguindo essa direção, ainda persistimos em questionar sobre como podemos escapar à relativização do conhecimento em defesa da objetividade? A princípio cabe destacar que na vida cotidiana tendemos a ficar imersos na aparência dos fenômenos, apreendendo, portanto, a realidade concreta de modo superficial, como se tais fenômenos existissem por si mesmos, independentes da atividade humana. Porém, “A aparência, manifestação do fenômeno, não passa de um aspecto da coisa e não a coisa em sua totalidade [...] em relação à aparência, a coisa é em si mesma: diferença, negação e contradição. A coisa não é a aparência, mas a sua negação” (LEFEBVRE, 1970, p. 253, tradução nossa).

Nosso argumento, assim, recorre precisamente à Marx (2011), inferindo exatamente na atualidade do método materialista histórico e dialético em tempos de “miséria do saber” e, não obstante, na defesa da categoria verdade, do saber elaborado e da objetividade do conhecimento. Para Marx (2015, p. 376), “[...] um ser não objetivo e um não ser”, e ainda, “[...] sendo a objetividade uma propriedade ontológica primária de todo ente é nela que reside a constatação de que o ente originário é sempre uma totalidade dinâmica, uma unidade de complexidade e processualidade” (LUKÁCS, 2018, p. 304). Não por menos, conforme aponta Lukács (2018, p. 21): “A base de qualquer conhecimento correto da realidade, [...] é o reconhecimento da objetividade. Qualquer interpretação do mundo exterior nada mais é do que um reflexo, por parte da consciência humana, do mundo que existe independentemente da consciência”.

No entanto, a totalidade é imediata, enquanto sua constituição e sua essência figuram apenas como representações das quais, para acessá-las, “[...] devem ser bem determinadas com a ajuda de abstrações isoladoras” (LUKÁCS, 2018, p. 22). Portanto, o método materialista histórico e dialético que Marx (2011) desenvolve para o estudo

da sociedade burguesa, compreende uma *práxis* objetiva – *práxis* por que considera a unidade teoria e prática – que partindo do concreto ainda imerso em aparências, o empírico, recorre à mediação de abstrações retornando ao concreto agora pensado (KOSIC, 1969), “síntese de múltiplas determinações [...] unidade da diversidade” (MARX, 2011, p. 54), isto é, a um conhecimento prático-teórico objetivo em sua essência, em sua verdade, circunscrito por contradições e historicidade.

Os aspectos que até este ponto propusemos expressar criticamente como “miséria do saber” atentaram para uma discussão sobre os fenômenos do relativismo cultural, revisionismo histórico, a negação da ideia de verdade e o neopragmatismo na educação, concepções oriundas do pensamento que se autodesignou ao longo do tempo como pós-moderno. Em nossas análises, grosso modo, inferimos que a exacerbação desses pressupostos, contribuíram – ainda que casualmente – para a legitimação de fenômenos deveras dramáticos como as *fake news*, as teorias conspiratórias, os revisionismos e os negacionismos científicos, considerando as condições objetivas econômicas, políticas e sociais que culminam na pandemia da COVID-19 em todo o mundo. Como expressou Latour (2020b), referindo-se ao papel da crítica pós-moderna, em sua autocrítica propositiva:

Devemos pedir desculpas por termos errado esse tempo todo? Ou deveríamos antes apontar a espada da crítica para a própria crítica e fazer um pequeno exame de consciência: o que queríamos realmente enquanto estávamos tão empenhados em mostrar a construção social dos fatos científicos? Nada garante, afinal, que devemos estar sempre certos (LATOURE, 2020b, p. 178).

Segue o autor:

Meu argumento é que uma certa forma de espírito crítico nos levou ao caminho errado, encorajando-nos a combater os inimigos errados e, pior de tudo, a sermos considerados amigos pelo tipo errado de aliados, e isso por causa de um pequeno erro na definição do seu alvo principal. A questão nunca foi se *afastar* dos fatos, mas sim se *aproximar* deles, não foi combater o empirismo, mas, pelo contrário, renová-lo (LATOURE, 2020b, p. 182).

Em sequência a nossa crítica da crítica, divergindo um pouco das respostas que Latour (2020b) oferecera para os questionamentos supracitados aos seus leitores, asseguramos a atualidade do método materialista histórico e dialético com vistas a expressarmos a centralidade da categoria verdade em face de um pensamento desagregado, relativista, fragmentado e, por isso em muitos momentos místico e mistificador, além de individualizante. Por ora, se para a educação importa, prioritariamente o saber elaborado, e da mesma forma, para a produção do conhecimento em geral, interessa ir além das aparências, para a produção científica, em particular, qual o sentido da crítica e da verdade?

A ciência, saber historicamente elaborado, permitiu-nos ir além das aparências superficiais dos fenômenos. Permitiu-nos ainda, como observou Lukács

(2013), o desenvolvimento de complexos cada vez mais complexos do ser social e, conseqüentemente, seu afastamento das barreiras naturais, isto é, a humanização e socialização, cada vez maior, do ser humano. No entanto, apesar de gozar de certa autonomia relativa (LUKÁCS, 2013; JAPIASSU, 1985), na moderna sociedade burguesa, fundamentada no valor, a ciência moderna constituir-se-á, por um lado, “[...] de um projeto crítico e libertário [...], de um espírito de independência [...] a objeto de um controle (JAPIASSU, 1985, p. 181) e por outro, do positivismo absolutista e com ele a crença na neutralidade (JAPIASSU, 1985) a um discurso relativo sobre o mundo que, mais tarde, irá repercutir em um conhecimento equivalente a qualquer outra forma de compreender ou descrever o mundo e/ou o senso comum.

Cerrada sob a intersecção de duas encruzilhadas, devidamente articuladas em benefício da naturalização da ideologia liberal e neoliberal burguesa, o saber científico que emerge na conjuntura da maior crise epidemiológica vivenciada pela humanidade desde a gripe espanhola entre as décadas de 1910 e 1920, torna-se centro de novos debates que tendem revisitar a razão, a verdade e a objetividade. Conforme aponta Lukács (1970):

A ciência descobre nas suas leis a realidade objetiva independente da consciência [...]. O reflexo científico transforma em algo para nós, com a máxima aproximação possível, o que é em si na realidade, na sua objetividade, na sua essência, nas suas leis; a sua eficácia sobre a subjetividade humana, portanto, consiste sobretudo na ampliação intensiva e extensiva, no alargamento e no aprofundamento da consciência, do saber consciente sobre a natureza, a sociedade e os homens (LUKÁCS, 1970, p. 274, conforme o original).

Nesta mesma direção, identificada pelo filósofo marxista húngaro, expressamos a emergência da produção do saber científico em tempos de “miséria do saber”, procurando asseverar o proveito da razão objetiva e da verdade sob os pressupostos do método do materialismo histórico e dialético, fundamentado na filosofia da *práxis*. Em síntese, regressando à citação que abre esse estudo, inferimos que, tal como Bachelard (1996): “A experiência científica é, portanto, uma experiência que contradiz a experiência comum” (BACHELARD, 1996, p. 14), mesmo porque, como observou Marx (1996, p. 271) “[...] toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente”.

A MISÉRIA DO SABER: EDUCAÇÃO E A DISTOPIA DO SÉCULO XXI

É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo (FISHER, 2020, p. 08).

Em um livro publicado recentemente, mais precisamente na França em 2017, Bruno Latour (2020a) apresentara com muitos exemplos e tangendo em vários

pontos da economia à cultura, passando pela política, o centro de suas inquietações que, em suma, perpassam grande parte de sua obra, isto é: a questão ecológica. De certo, a modernidade tem muito o que dizer com respeito à devastação ambiental, às mudanças climáticas e mesmo sobre o aparecimento de flagelos como a COVID-19. No entanto, essa modernidade da qual nos referimos possui determinações bem concretas: expressão do desenvolvimento sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2011), o *modus vivendi* que irrompe sob os auspícios da moderna sociedade burguesa, dividida em classes, se, constantemente encontra-se em contradição com o próprio desenvolvimento humano, não seria diferente com o ambiente natural de reprodução desse humano.

Assim, por um lado, a crise ecológica é parte indissociável da sociedade fundamentada no valor, pois, é também o ambiente natural sempre uma mercadoria em potencial, contudo, por outro, a afirmação generalizada em muitos círculos e discussões (HARVEY, 2016) de que, a crise ecológica expressa uma crise final do capital, é tão determinista quanto a ideia disseminada por certa tradição marxista⁸ de que, o recrudescimento das contradições da sociedade capitalista levaria espontaneamente, no curso da história, ao desenvolvimento do socialismo e posteriormente do comunismo. Essa última afirmação perdera o passo na própria história, pois, como reiterou Hobsbawm (2011), acerca do Manifesto comunista de Marx e Engels (HOBSBAWM, 2011, p. 114, conforme o original): “[...] o *Manifesto* não é um documento determinista. As covas precisam ser abertas por ação humana”. Por sua vez, a primeira afirmação, como observa Harvey (2016), esbarra em não compreender que “[...] o capital tem uma longa história de sucesso na resolução de seus problemas ambientais” (*Ibid.*, p. 230) e que, da mesma forma, a questão ambiental, torna-se cada vez mais um espaço privilegiado para acumulação, haja vista, os emergentes mercados de emissões de carbono e de produtos orgânicos, bem como, o chamado marketing verde⁹. Depara-se ainda com o fato de que “[...] o capital pode perfeitamente continuar a circular e se acumular sob condições de catástrofe ambiental. Desastres ambientais criam oportunidades abundantes para um ‘capitalismo de desastre’ lucrar com prodigalidade” (HARVEY, 2016, p. 232, conforme o original).

Essas observações apenas reforçam o quadro apontando de aprofundamento do naturalismo capitalista e da consequente “miséria do saber”, expressa na síntese que Fisher (2020) absorve de Fredric Jameson, segundo a qual “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (*Ibid.*, p. 08). Decerto, a questão que se apresenta como síntese dessas discussões empreendidas até aqui, tensiona pensar o fundamento da educação, em geral, e da educação escolar, em particular, neste

⁸ Para saber mais a respeito da influência do positivismo no marxismo ver em: LÖWY (1994). Ver também em: LUKÁKS, G. (2018).

⁹ Para saber mais sobre estratégias de marketing aplicadas a questão ecológica ver em: SCHIOCHET, R. A (2018).

contexto preliminarmente delineado, interrogamos como, na *práxis* pedagógica, podemos superar as armadilhas impostas pela “miséria do saber”?

A pedagogia, para Saviani (2019, p. 41), “entendida como ciência da educação” deve estar atenta para o fato de que:

[...] a natureza humana não é dada ao indivíduo humano com seu nascimento, mas é produzida pelos próprios homens sobre a base da natureza biofísica, razão pela qual o trabalho educativo consiste no ato de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2019, p. 41).

E, portanto, à educação, e sobretudo à educação escolar, compete os objetivos de “[...] identificação dos elementos naturais e culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, concomitantemente, a descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo” (*Ibid., Ibidem.*), um complexo social intermitente e nunca finalizado, como observa Lukács (2013, p. 176): “[...] a problemática da educação remete ao problema sobre o qual está fundada: sua essência consiste em influenciar os homens no sentido de reagirem a novas alternativas de vida do modo socialmente intencionado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando, portanto, as proposições desta pesquisa, centrada na questão da educação, da verdade e da *miséria do saber*, concluímos: refugiados em teorias que pairam na aparência dos fenômenos e enrijecem a potencialidade transformadora da crítica – transformadora no sentido de sublevação de todo o complexo social que, em última instância atravessa e determina nossas condições de classe, gênero, raça, ecológicas etc. – a educação em nosso argumento se torna produtora e reprodutora das condições de existência pautadas pela sociabilidade do capital. Em tal contexto, encontramos-nos cerrados das ferramentas, isto é, do saber sistematizado, sem as quais oblitera-se as possibilidades de formação para que os seres humanos possam pensar e agir com vistas a um desenvolvimento superior de seu ser, para a formação do humano no humano pois, nega a este, o exercício da apreensão da totalidade das circunstâncias que envolvem e, no limite determinam sua existência, arrastando o potencial criador do humano para projetos emancipatórios “guetizados”.

Afirmamos a centralidade da categoria verdade, a relevância do saber sistematizado e elaborado pelo conjunto da humanidade e a atualidade do método do materialismo histórico e dialético contra a exacerbação do relativismo e do revisionismo, bem como, das políticas identitárias fragmentárias, do multiculturalismo individualizante e do neopragmatismo reprodutivista que, apesar de incorporarem pautas outrora invisibilizadas, lograram, entre outras coisas, a passividade frente ao negacionismo que invalida a produção científica em geral e equipara opiniões

mistificadoras ao saber sistematizado, acabando por validar, ainda que casualmente, a avassaladora corrente do que temos chamado de *fake news*.

Feitas essas observações de caráter crítico e propositivo inferimos que, ao esboçarmos as tendências de uma “miséria do saber”, procuramos identificar um fenômeno político e sociocultural, que integra em todas as suas dimensões e numa relação histórica e dialética as múltiplas determinações econômicas, políticas e sociais expressas no desenvolvimento capitalista destas primeiras duas décadas do século XXI. O caso da demasiada aderência na sociedade brasileira do movimento Escola Sem Partido, por exemplo, síntese num determinado momento da “miséria do saber”, manifesta os sintomas da constituição e ao mesmo tempo permanência de certas condições históricas objetivas, isto é, a repentina difusão e propagação de um movimento classista, descolado de ética e estética, negacionista e revisionista que comporta uma ideologia conservadora, reacionária, racista, xenófoba, misógina, patriarcal, homofóbica etc., somente fora possível, pois encontrara uma sociedade com tais características (COSTA, 2019). Da mesma forma, o fato de sua expansão ter esbarrado em certos limites também revela a atualidade da luta de classes.

Neste sentido, a “miséria do saber” corroborou para que certas permanências históricas da sociedade brasileira, como nos mostra Florestan Fernandes (2020), o caráter autocrático e permanentemente contrarrevolucionário desta sociedade fundada sob os auspícios da escravidão, fossem ao mesmo tempo relativizadas, revisadas sob uma perspectiva burguesa, e, em muitos casos, inclusive negada. A “miséria do saber” contribuiu e contribui da mesma forma, para o arrefecimento da crítica, pois se tudo vale, se tudo é relativo e se tudo é uma questão de discurso, então como podemos questionar o terraplanismo e seus equivalentes? Ou os aforismos do excêntrico personagem Olavo de Carvalho, por exemplo? Como podemos salientar a atualidade dos parâmetros científicos frente às chamadas *fake news*? Na “miséria do saber” quais seriam os critérios do real?

COSTA, H. M. Education, science and truth in times of “misery of knowledge”. Marília, v. 22, p. 137-156, 2021, Edição Especial 2.

ABSTRACT: The present study seeks to understand the breadth of the phenomena of scientific negationism, revisionism, relativism, as well as the so-called fake news from the context of the structural crisis of capital, which is indeed hyper-dimensioned by the pandemic of COVID-19. We seek to analyze the contribution of post-modern theories that, together with economic and political issues, have propitiated a crisis in the criteria of truth, reality and, above all, in the relevance of the knowledge elaborated in the face of common sense, a context that we call “misery of knowledge”. For such analyzes, we pay attention to the relevance of the method of historical and dialectical materialism in the configuration of the truth category, distancing itself, on the one

hand, from a positivist matrix with its proposition of absolute truth and, on the other, from its opposite, that is, from the assumption that there is no idea of truth at all.

KEYWORDS: Truth. To know. Postmodernity.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Revista Novos estudos*. CEBRAP, São Paulo, v. 38, n.01 jan./abr. 2019

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a negação e a afirmação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R. *Coronavírus*: o trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo, 2020.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

CHAUÍ, M. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

COSTA, H. M. *Escola Sem Partido: concepções de escola, educação, formação humana e sociedade*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2019.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DUARTE, N. *A individualidade para si*: contribuição à uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3. ed. Campinas – SP: Autores associados, 2013.

DUARTE, N. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?*: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

DUAYER, M. Jorge Luis Borges, filosofia da ciência e crítica ontológica: verdade e emancipação. *Revista Margem Esquerda*, São Paulo, v. 20, n. 24, p. 87 – 110, 2015.

FERNANDES, F. *A Revolução Burguesa no Brasil*: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FEYERABEND, P. K. *Contra o método*. Tradução de Cezar Augusto Mortari. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FISHER, M. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*. Tradução de Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FONTES, V. História e verdade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). *Teoria e educação no labirinto do capital*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

FURET, F. *Pensando a revolução francesa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Vol. 2. Os intelectuais; o princípio educativo; jornalismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Vol. 3. Maquiavel. Notas sobre o estado e a política. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Vol. 1. Introdução ao estudo da filosofia; a filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARVEY, D. *Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

HARVEY, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. Tradução de Rogério Bettoni. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOBSBAWM, E. J. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. Tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBSBAWM, E. J. *Éra dos extremos. O breve século XX: 1914 – 1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOEVELER, R. A direita transnacional em perspectiva histórica: o sentido da “nova direita” brasileira. In: DEMIER, F.; HOEVELER, R. (Orgs.). *A onda Conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevalco. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

JAPIASSU, H. *A revolução científica moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

JORNAL DA UNICAMP. Desmentindo as fake news sobre vacinas. 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-carlos-dias/desmentindo-fake-news-sobre-vacinas>>. Acesso em 07 jan. 2021.

KOSIC, K. *Dialética do Concreto*. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2018.

LATOUR, B. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no antropoceno*. Tradução de Marcela Vieira. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020a.

LATOUR, B. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 173-204, jan.-jun. 2020b. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/748>>. Acesso em 07 jan. 2021.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

LEFEBVRE, H. *Lógica formal lógica dialéctica*. Traducción de M. Esther Benitez Eiroa. 1. ed. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1970.

LIGUORI, G. *A originalidade do conceito de ideologia em Gramsci*. 2020. (08m22s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QiXgjY3L4Tk>>. Acesso em 22 dez. 2020.

LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e o positivismo na sociologia do conhecimento*. Tradução de Juarez Guimarães Suzanne Felicie Lewy. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

- LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Mario Duayer e Nélio Schneider. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social 2*. Tradução de Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUKÁCS, G. *Introdução à uma estética marxista: sobre a particularidade como categoria da estética*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*: Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MANDEL, E. *O capitalismo tardio*. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARX, K. *Caderno de Paris*: manuscritos econômicos filosóficos. Tradução de José Paulo Netto e Maria Antônia Pacheco. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MARX, K. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- MARX, K. *O Capital*: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MATTOS, M. B. *Governo Bolsonaro: neofacismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020.
- MCINTYRE, L. *Post-truth*. Massachusetts: MIT - Press, 2018.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*: rumo à uma teoria da transição. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *MPF quer que pastor Valdemiro Santiago pague indenização por anúncio de falsa cura da covid-19*. 2020. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/noticias-sp/mpf-quer-que-pastor-valdemiro-santiago-pague-indenizacao-por-anuncio-de-falsa-cura-da-covid-19>>. Acesso em 07 jan. 2021.
- PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos e Cristina Dias Alessandrini. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2000.
- POPPER, K. R. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- RORTY, R. *Pragmatismo e política*. Tradução de Paulo Ghiraldelli Jr. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Tradução de Antonio Trânsito. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SECCO, L. A epidemia e o fascismo. In: LOLE, A. STAMPA, I. GOMES, R. L. R. (orgs.). *Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SEMERARO, G. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis*. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2006.

SCHIOCHET, R. A Evolução do Conceito de Marketing “Verde”. *Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade*, Curitiba, v. 15, n. 7., jun/dez – 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/messi/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/834-2454-1-PB.pdf>. Acesso em 04 jan. 2021.

WOOD, E. M. *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2011.

Recebido em: 27-05-2021.

Aprovado em: 09-11-2021.